

Vicissitude

[conto]

Thayná Laiza

Ouça o conto aqui:



SOBRE A AUTORA

Thayná é graduanda em Direito pela UNP e pesquisadora no Núcleo de Estudos de Direito Digital da UFRN. Mulher, entusiasta da literatura, em seu primeiro conto publicado - escrito em 2015 e reescrito diversas vezes - busca expressar os desafios da passagem identitária da mulher/menina para mulher/adulta, diante das transmutações da vida e do cotidiano.

VICISSITUDE

Thayná Laiza

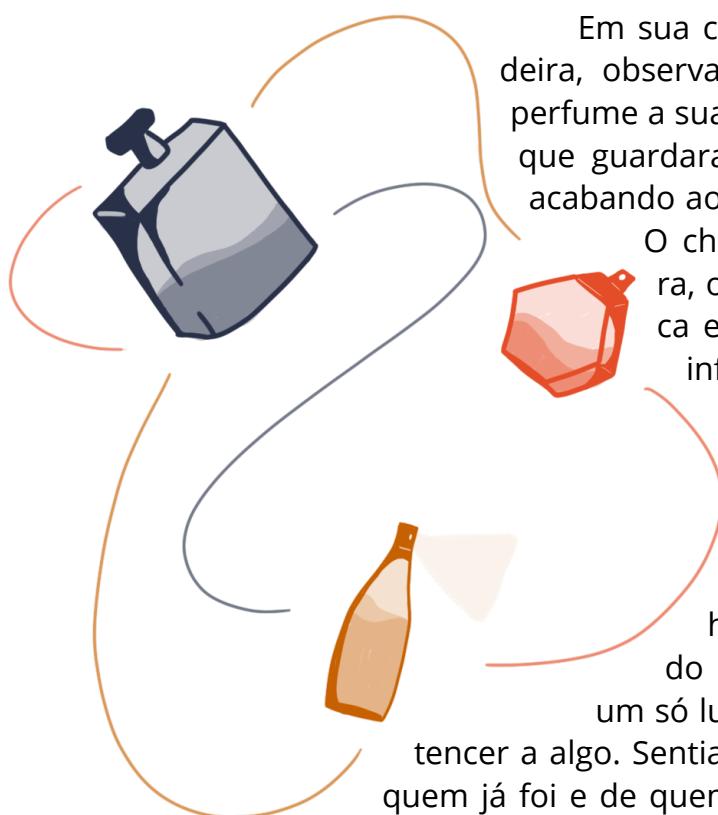
E era ela mulher: de cabelo e pele escura, olhos grandes e pele marcada. Uma nômade desde que se dera por gente, sempre levada pelas mudanças nunca absolutas, mudanças estas que se dissipavam vagarosamente e não tardava para que ocorresse novamente.

Não era por querer que ela ia e sim pela necessidade de ir. Fazendo novos laços e aproveitando cada momento de um fim já premeditado, foi a isso que ela se acostumou. Tinha já a alma cansada e enfadada de tanta transmutação, de nunca amar até não dar certo, mas deixar-se acabar pela vicissitude de ir embora. Sim, ela estava exausta e seu corpo gemia a falta de um lugar para pertencer. Questionava-se constantemente quando tudo iria findar, quando finalmente iria descansar.



Será que seria possível que Morpheus a visitasse, com a promessa de embalá-la junto de sua segunda irmã mais velha, gentil e sensível, encaminhando-a para a paz eterna? Será que seria possível sair das montanhas de Mordor, refugiar-se além dos reinos dourados de Valfenda sem nunca temer? Olhando bem lá no fundo, para aqueles olhos cor de terra, como quem já não vê o que está a sua frente, ela sabia que as estórias e até mesmo que os Perpétuos poderiam carregá-la, levá-la para um lugar particular seguro e fora da realidade.

Balançando a cabeça quase bruscamente, aquela que se via menina percebeu: queria aproveitar um momento de plenitude enquanto seu coração ainda batesse e seu cérebro ainda fizesse o seu devido trabalho.



Em sua casa, em frente a penteadeira, observava os vários frascos de perfume a sua frente. Todos os cheiros que guardara para si, viu todos eles acabando aos poucos e indo embora. O cheiro do pai que a deixara, o da mãe que quase nunca estava em casa, o da sua infância se esvaindo, o da casa velha, porém confortante e o do abraço apertado de quem a amava. Até isso já não lhe pertencia. Já havia há muito tempo esquecido como é permanecer em um só lugar e sentia falta de pertencer a algo. Sentia falta de muita coisa. De quem já foi e de quem era naquele momento, pois sabia que a cada mudança, a cada nova surpresa que a aguardava, era levado algo dela e acrescentado algo a mais, um novo aroma para se lembrar.

Agora, parada e com a respiração ofegante eu a olhava nos olhos. Tão nova para tanto cansaço que sentia. Olhando-a no espelho, calejada, o reflexo da mulher que sou, mas que agora me parece tão distante e diferente, quase abstrata, vejo uma menina, perdida e exaurida. A menina que aprendeu a crescer além de seu tamanho e idade, quase prematuramente se desdobrando em várias versões.

Os muitos livros em sua estante foram tudo o que a restou, lembranças de dias que já se foram, de antigos lugares e velhos amigos. Balbuciando como Delirium, sem conseguir terminar uma só frase, sem entender os reflexos do tempo que transpareciam na sua carne, sem entender as memórias arraigadas em si, nunca refletidas, desejando agora desvanecê-las em suas entranhas. Era ela mulher, como uma criança que atua, uma mulher adulta, como se transfigurasse em poema barroco, personagem das linhas de Cora Coralina “recriando sua vida, sempre e sempre”.